

CURRÍCULOS EM AMBIENTES VIRTUAIS.

Lucila Mara Sbrana Sciotti*

Resumo

Os recursos existentes na utilização das tecnologias de comunicação e informação podem ampliar as capacidades de organização de espaços de aprendizagem. Porém, os ambientes de aprendizagem estruturados com alta tecnologia serão sempre meios, não fins em si próprios, pois sua utilização não assegura a incorporação daquilo que se apresenta como potencial a ser explorado. Um ponto crítico diz respeito à necessária clareza sobre as formas de relações do saber pretendidas no ambiente de aprendizagem.

Palavras-chave: Currículo; Ambientes Virtuais; Aprendizagem; Educação a Distância

Ao pensar sobre a organização de currículos para ambientes virtuais de aprendizagem, diversas perguntas surgiram em minha mente. A partir dessas perguntas – que direcionaram a elaboração deste texto – busquei aprofundar a questão, sem a pretensão de trazer todas as respostas. Apresento, então, as ideias que tive a oportunidade de desenvolver, desejando que possam ser de valia para os profissionais que têm atendido ao desafio de gerir espaços de aprendizagem na perspectiva de uma ação inovadora.

O que vem ao pensamento quando se pensa na palavra currículo? Creio que uma das imagens mais comuns seja a de currículo pessoal/profissional. Um currículo pessoal busca representar – ainda que parcialmente – um percurso de vida. Parte-se da ideia que um currículo reflete acontecimentos que marcaram cultural e profissionalmente a vida e a carreira de um indivíduo, ou parte delas. Um currículo profissional é, então, único, pois trata da trajetória individual, construída na somatória e na interface de estudos, trabalhos e vivências. Ao organizar seu currículo, o profissional descreve as experiências consideradas mais importantes e significativas, com o intuito de demonstrar suas principais habilidades e competências, numa linha do tempo comumente estruturada do presente para o passado. Não é à toa que ele é denominado *curriculum vitae*.

A palavra currículo também se associa rapidamente à complementação “escolar”. Um currículo escolar, por sua vez, representa uma proposta de percurso que poderá ser experimentada por muitas pessoas diferentes. Sua composição organiza conteúdos e abordagens para a formação escolar em diversos níveis, ainda em sua maioria representados pela organização do saber em

disciplinas. De forma geral, é construído com o objetivo de desenvolvimento coletivo e não personalizado, para a formação de grupos por faixas etárias ou perfis específicos (grupos profissionais, por exemplo).

Há várias concepções que subjazem à elaboração de um currículo escolar, muito embora elas possam não parecer explicitadas, assim como são observadas diversas denominações para a sua organização. Encontra-se com certa frequência, por exemplo, a expressão “grade curricular”. A palavra grade, associada ao termo curricular, pode remeter à ideia de prisão, de separação e de impedimento de acesso. Um currículo a tal termo associado não parece representar um percurso de vida, mas uma caixa fechada com divisões internas a guardar, cada uma delas, um objeto diferente, separadamente, sem que eles se misturem.

Outra denominação corrente para a organização de conteúdos curriculares é “estrutura curricular”. Esta expressão pode trazer outros significados, visto que o termo estrutura faz referência à disposição das partes de um todo, consideradas nas suas relações mútuas, na ideia de um sistema. Isso demonstra a importância da clareza na concepção de currículo que uma instituição educacional adote, pois nela estarão contidas formas de organização, denominações e muitos sentidos possíveis.

Uma proposta curricular estará datada ao passado, por aquilo que valoriza como conhecimento validado; ao presente, pela forma como absorve a dinâmica social que a circunda; e ao futuro, pelas apostas naquilo que se considerar primordial para um período de tempo vindouro. Um currículo escolar é, então, *datado*, pois sua constituição reflete o momento de sua elaboração e determinadas formas de pensar desse momento. Ele traz em seus conteúdos aquilo que foi percebido como importante e necessário em certo período de tempo. No extremo, um programa curricular passa imediatamente a um processo de

* Doutora e Mestre em Educação: Currículo (PUC-SP). Superintendente de Operações do Senac São Paulo. E-mail: lucila@sp.senac.br

Recebido para publicação em: 01/02/10

obsolescência a partir de sua criação, caso não se oxigene e não se reanime permanentemente.

Propostas curriculares poderão ser expandidas em direção a saberes e experiências complementares e mesmo conflitantes a seus conteúdos, ou poderão ser lidas de forma restrita, sendo aplicadas como proposições pouco flexíveis (e pouco sujeitas a mudanças) de organização do conhecimento. Estas últimas se atêm mais aos conteúdos do que aos possíveis processos de aprendizagem. Entretanto, são propostas que destoam da realidade à nossa volta.

A atual configuração do acesso a informações e de possibilidades de interações com as realidades que nos cercam, potencializadas pelas tecnologias digitais, desenha um quadro no qual o conhecimento não se localiza mais de forma apenas centralizada e exclusiva. Isto pede, além da consciência sobre o fato, uma nova postura dos profissionais que trabalharão de alguma forma com a recepção, organização, tratamento e manutenção de sistemas de conhecimento. Na visão de Young,¹ a razão que está no centro das propostas de um currículo do futuro não é essencialmente uma ênfase em novos conteúdos de conhecimento. A razão é por novas formas de relações do saber.

Assim, os processos que envolvem a gestão da proposta curricular no ambiente educacional não podem estar centrados apenas na forma de pensar e de ver o mundo daqueles que organizam o currículo (como diretores e coordenadores) e daqueles que o aplicam (docentes e demais formadores). Neste aspecto, considero um referencial importante a proposta de Sacristán², de pensar o currículo como uma forma de se ter acesso ao conhecimento, porém não representado em algo que está paralisado, mas sim por meio das circunstâncias em que se realiza e se converte numa forma particular de entrar em contato com a cultura.

A escola é o espaço da educação por excelência, como instituição socialmente reconhecida e autorizada para a formação e a preparação de homens e mulheres, visando a sua inserção nas estruturas culturais e produtivas. Uma proposta curricular surge das próprias estruturas culturais, portanto nela são explicitadas crenças, valores morais e materiais, padrões de comportamento e outras características da sociedade em que se vive.

O espaço da prática educacional não é ilimitado e não está disponível para todos os nossos sonhos e utopias. É um espaço demarcado por fatores políticos, culturais, materiais, humanos e morais, entre outros. É uma área carregada de contradições e ambiguidades, que traz em seu âmago o desconforto resultante entre o ideal e o real, consequência das concepções e tensões que envolvem instituições e pessoas que nelas circulam. Como tal, a proposta curricular passa a ser uma forma de entender a realidade circundante e de com ela interagir. E o currículo, reflexo e extensão das estruturas culturais, torna-se a própria essência do ambiente educacional.

O currículo não deve ser visto como um conjunto de disciplinas listadas por períodos – embora seja esta a representação de um histórico escolar, algo equivalente ao *curriculum vitae* do estudante. Um currículo, na prática, é o conjunto de experiências que cada aluno tem no espaço educacional. O percurso realizado pelo aluno compõe-se – para além de matérias e disciplinas listadas – de



a proposta curricular passa a ser uma forma de entender a realidade circundante e de com ela interagir. E o currículo, reflexo e extensão das estruturas culturais, torna-se a própria essência do ambiente educacional.



vivências variadas, assuntos abordados, relações interpessoais, recursos disponíveis, etc. Todo o percurso do aluno formará um conjunto que resultará no curso efetivamente realizado.

Tendo-se por base esta concepção de currículo, sua compreensão antecederá a configuração de uma proposta educacional, seja nos conteúdos a serem definidos, seja na sua organização espacial e estética. É um ponto de partida e um parâmetro no direcionamento da proposta a ser implementada.

E como se dá o desenvolvimento de programas curriculares para ambientes presenciais e/ou virtuais? Currículos voltados aos ambientes de aprendizagem presenciais e virtuais diferem ou devem diferir uns dos outros? Creio que, na qualidade de projeto educacional, ambos devam assentar-se em concepções claras, concepções estas que deverão estar presentes ao longo de toda atividade proposta, entendendo-se como atividade mais do que tarefas e exercícios, mas as possibilidades de ação estimuladas por conteúdos, exercícios, metodologias, comunicação, recursos materiais e imateriais, ambiências e relações humanas.

Por outro lado, ambientes educacionais que se utilizam da tecnologia digital – seja plenamente, seja parcialmente – constituem-se de forma diversa da dos ambientes presenciais tradicionais. Ambientes exclusivamente presenciais estão arranjados ainda majoritariamente pelo modelo da sala de aula organizada fisicamente pelo limite de quatro paredes. Neste, assentos individuais para alunos são dispostos em fileiras, e uma mesa com cadeira, para o professor, é centralizada à frente das fileiras de assentos, sendo que a aula se estrutura em função de um período de tempo fixo e predeterminado. O professor, sua explanação, seus destaques e anotações funcionam ainda como os elementos centrais da organização deste espaço de aprendizagem. Tanto espaço físico como tempo são elementos de ampla interferência na dinâmica a ser proposta para a ação educacional. O limite de tempo sugere certa fragmentação

e descontinuidade, quando se pensa em aulas ou encontros sequenciais e/ou alternados.

Não há absolutamente nada de errado com a educação presencial como possibilidade educacional. A proximidade e o contato físicos são inegavelmente fundamentais para a vida e o desenvolvimento de todo ser humano. Entretanto, o que sinaliza que há algo equivocado no ambiente presencial é o modelo (mental e educacional) imperante, de transmissão de saberes. Este modelo secular ainda predomina nos ambientes educacionais e, na prática, os professores não foram e não vêm sendo preparados para dar conta de alterações estruturais, e a referência percebida é ainda a de “transmissão de informações”. Esta circunstância cria certa esquizofrenia entre bases teóricas contemporâneas e o desafio de uma prática que se deseje crítica e inovadora.

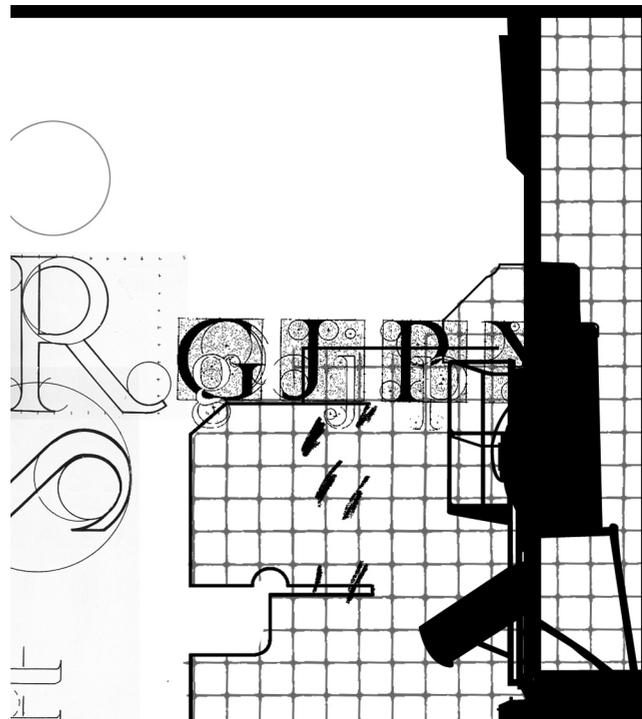
Parece ainda não ter havido o salto necessário para o cenário desejado, com educadores voltando-se para o propósito de gerir ambientes de aprendizagem, entender processos individuais e coletivos, estimular alunos, partilhar descobertas e enfrentar, também eles, o novo e o desconhecido que surge dentro dos espaços de aprendizagem.

A inadequação do modelo centenário de escola tem contrastado com as possibilidades reais de acesso a informações e de interações com as realidades que nos cercam, sobretudo quando se percebe a capacidade de apoderamento tecnológico das gerações mais jovens.

Em várias situações, alunos estão mais prontos que professores, pelo menos no que diz respeito à intimidade e à identificação com os avanços tecnológicos. Alunos costumam ser usuários frequentes de microcomputadores, da Internet e de outras tecnologias, como *video game*, por exemplo, além de frequentadores de *lan houses*³. As novas tecnologias fazem parte de seu mundo (de grande parte, desde que nasceram), das suas referências, de seu imaginário e de sua linguagem. Já para o professor que ainda não faz uso corrente dessas tecnologias, elas podem vir revestidas do medo em relação ao novo e a algo que ainda não domina. Altera-se, assim, a relação entre professor e aluno. Antes, o professor “detinha” o conhecimento. Hoje, são inúmeras as fontes de informação, com relativa facilidade de serem acessadas.

O uso de espaços virtuais de aprendizagem acentuou tal inversão de papéis, com o aluno tendo também o papel de formador. O ambiente virtual de aprendizagem conta com capacidades de organização que dão nova configuração ao espaço educacional como, por exemplo, a possibilidade de acessos – praticamente ilimitados – a outros ambientes virtuais. Isso, por si só, transforma o ambiente de aprendizagem, pela multiplicidade de conexões que há à disposição. Em tal circunstância, roteiros, metas e objetivos predefinidos são expandidos por meio da possibilidade de descoberta e de incorporação de outras fontes de informação e reflexão. Tal exploração hipertextual pode favorecer a autonomia e a autoria no desenho da trajetória de aprendizagem. O aluno pode assumir mais plenamente o papel de autor de seu percurso.

O quadro de recursos para a implementação da ação educacional no ambiente virtual compõe-se ainda de outros elementos, como a possibilidade de comunicações síncronas, a organização



de espaços de consulta que ampliam a base de informações do aluno e a facilidade de registro do percurso individual.

Os ambientes virtuais também podem favorecer a organização de comunidades e redes, sem os limites impostos pela distância geográfica. Além disso, possibilitam que sejam explorados conceitos como compartilhamento, solidariedade e construção coletiva do conhecimento. Estes e outros recursos de que dispõem as salas de aula virtuais (totais ou parciais) expandem o espaço-tempo disponível e o que tradicionalmente se considerava o conteúdo a ser dado. Desta forma, as tecnologias de comunicação e informação podem atuar como provocadoras da revisão do modelo tradicional, naquilo que ele tem de ultrapassado como proposta educacional – como a relação hierárquica entre “ensinante” e “aprendente”, a organização de currículos com conteúdos fechados, etc.

Por outro lado, é o professor quem responde ao desafio de mostrar ao aluno como promover a construção de seu conhecimento superando seus limites e dificuldades, explorando e desvelando suas potencialidades. A relação desejada é a de parceria, pois cada um tem uma contribuição diferente no processo, mas que são complementares. O processo de formação deve ser vivenciado por todas as partes, tanto do lado de quem forma quanto do lado de quem está sendo formado, criando-se espaço para a aprendizagem compartilhada.

Pessoalmente, muito me fascina na organização de ambientes virtuais a possibilidade de um ambiente de estudos com maior autonomia para o aluno. Não se trata aqui de afirmar que a autonomia nos estudos se realiza em todo ambiente virtual de aprendizagem ou que ela só realiza nos ambientes virtuais. Trata-se de perceber que há, no espaço virtual, uma ambiência favorável para o seu acontecimento e para dele usufruir. Esta possibilidade tem para mim o caráter de semente de uma ação transformadora.

Considero a autonomia um valor que deve estar presente na essência do currículo, como território da liberdade intelectual. O ambiente que tem a autonomia como valor estimula a emergência das especialidades de cada indivíduo, com espaço para a autoria. É ainda a área da curiosidade que leva às descobertas, da responsabilidade que faz assumir erros, avançar ou recuar quando necessário. Trata-se de um processo individual de escolhas e de tomadas de decisões limitado por regras, recursos disponíveis, negociações, orientações, etc. Como qualquer semente, guardará em si seu potencial de germinação, mas precisará da ação externa e de uma série de condições para poder se desenvolver.

Porém, isso não significa que a mera utilização das tecnologias de comunicação e informação possa assegurar uma aprendizagem de melhor qualidade. É preciso atenção redobrada para que um ambiente virtual não se torne unicamente a embalagem de uma pretensa modernidade, reproduzindo o modelo tradicional de ensino e estruturando-se como uma grade curricular: rígida, com comunicação focada na bilateralidade e presa a roteiros inflexíveis.

O que não deve ser ignorado é o fato de que os ambientes virtuais são parte da nossa realidade social, necessitando, portanto, ser parte da nossa realidade educacional, pois seu uso está amplamente disseminado nas atividades e nos serviços realizados nos diferentes segmentos da sociedade.

O uso da *internet* como fonte de pesquisa tornou-se comum, apenas citando um dos espaços mais presentes para alunos das mais diversas idades e condições socioculturais. A *internet* tornou-se extensão da sala de aula, mesmo que informalmente, como demonstram os inúmeros acessos a *sites* de busca e pesquisa como o Google e a Wikipédia. E as relações entre as pessoas se estabelecem cada vez mais nos ambientes virtuais, como demonstra o expressivo número de participantes nas redes virtuais de relacionamento e de serviços como o Orkut e o MSN – *Microsoft Service Network*.



Não consigo enxergar a incorporação e o uso de ambientes virtuais como uma opção entre isto ou aquilo. A tecnologia está presente de forma irrefutável na sociedade atual, da qual a escola faz parte. Deve, portanto, estar presente na escola. É questão que envolve o exercício da cidadania, visto que o meio digital é hoje caminho para o uso de serviços públicos, para acesso a informações de interesse coletivo e para a comunicação entre pessoas, comunidades e organizações de grande parte do mundo. Não entendo como uma opção, mas sim como uma

A tecnologia está presente de forma irrefutável na sociedade atual, da qual a escola faz parte. Deve, portanto, estar presente na escola.

necessidade a ser suprida. De maneira consciente, é preciso ampliar a sua utilização, de forma a que o espaço educacional esteja em sintonia com revolução tecnológica e de comportamento de tal magnitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na estruturação de ambientes virtuais de aprendizagem nunca é demais lembrar que são as pessoas o seu principal sujeito, e não a tecnologia. O aparato tecnológico pode ser deveras sedutor e ofuscar o olhar do educador, que poderá se concentrar mais nos recursos em si do que nos objetivos da ação educacional.

Assim, entendo que as questões apresentadas a seguir poderão auxiliar a reflexão de educadores e formadores quando da organização de ambientes virtuais de aprendizagem. Na perspectiva da realização de ações inovadoras, é preciso buscar maior preparação e especialização de quadros profissionais, para que enfim se rompa com o modelo tradicional de ensino baseado na transmissão de saberes. É preciso atenção redobrada com:

- *A proposta educacional:* os objetivos da proposta educacional necessitam ser claramente explicitados para todos os participantes (alunos, professores, suporte técnico, etc.). Os objetivos representam intenções que permeiam toda a proposta, e que estarão presentes ao longo do processo de organização dos ambientes: na escolha das atividades, nos recursos tecnológicos, nas linguagens utilizadas (textos, imagens, sons) e nas relações que se estabelecerão entre os atores. Ou seja, os objetivos, quando perseguidos, emergem em todo o ambiente, e são representados pela atmosfera que nele circula, sendo parte fundamental do currículo;
- *O papel do formador:* a atitude do formador (professor, tutor ou outra denominação dada) dá corpo à ação educacional que está sendo implementada. A proposta de atuação profissional desejada é a de mediador. E, nessa condição, o formador deverá incentivar a emergência de outros mediadores, por meio da participação dos alunos (que são atores e autores) e da promoção da troca, da reflexão e do diálogo, auxiliando na fluidez dos caminhos individuais e coletivos de construção

do conhecimento. Será a atuação do formador que dará os contornos iniciais da identidade do ambiente educacional e revelará seu conjunto de valores e suas crenças;

- *As potencialidades:* o ambiente virtual não se torna diferenciado pela inclusão de recursos tecnológicos, mas sim pela exploração de determinadas potencialidades, que surgem em diferentes níveis, proporcionalmente às características constitutivas dos recursos que cada ambiente tem. Por exemplo, a interatividade será um potencial de um ambiente virtual, limitada pelas ferramentas oferecidas (*chat, e-mail, fórum*), pelos registros digitais de percursos individuais e coletivos, pela recuperação e atualização instantânea da informação. O potencial de exploração da linguagem hipertextual e, portanto, de caminhos diversos para a construção do conhecimento dependerá, dentre diversos fatores, dos recursos do ambiente e de seus conteúdos (como os *links* sugeridos), que incitam ao desenvolvimento do pensamento não linear;
- *A adequação do ambiente:* a partir do desenho de uma proposta educacional, é importante verificar se o ambiente a ser utilizado é adequado à proposta pretendida, no que diz respeito a aspectos como estrutura físico-espacial, opções estéticas, características dos recursos tecnológicos, tipos de atividades propostas e possibilidades de explorações individuais e coletivas. Tal adequação possibilitará a expansão ou a retração de valores como autonomia, autoria, criatividade, compartilhamento e parceria, por exemplo;
- *O ajuste da proposta às expectativas dos participantes:* definidos os objetivos da proposta de ação educacional e o roteiro prévio, é desejável a verificação da adequação dos mesmos às expectativas, ao contexto e aos recursos disponíveis, para que a ação educacional não resulte descolada dos universos individuais, institucionais e coletivos;
- *Os elementos que podem dificultar o processo:* o formador necessita estar atento aos fatores que atuam como dificultadores ou limitadores da ação educacional (tanto para os alunos quanto para ele próprio) em ambientes que se utilizam da tecnologia digital. Podem ser citados, por exemplo: a falta de cultura tecnológica; a falta de domínio de ferramentas da informática; a necessária disciplina para estudar sozinho – sobretudo na educação a distância –, situação à qual muitos não estão habituados e que pode causar um impacto negativo no desenvolvimento de atividades; e o tempo de trabalho do professor, pois no espaço virtual não há o limite de tempo do presencial, nem o limite de interações com alunos, o que certamente exige mais tempo de dedicação do formador;
- *A armadilha da reprodução do modelo tradicional:* mesmo os formadores que buscam hoje um novo modelo educacional para suas ações correm o risco de reproduzir o modelo tradicional de ensino baseado na transmissão de saberes, uma vez que a tendência é buscar a situação de conforto das práticas mais convencionais e comuns, ou seja, daquelas nas quais os próprios formadores foram formados.

A tecnologia faz parte dos recursos ao alcance da escola e do educador para a formação dos cidadãos. O seu uso define um

conjunto de potencialidades que poderão ter o papel de alavancagem para valores e propósitos educacionais, como no caso da busca de maior autonomia na construção do conhecimento.

Quando são utilizados ambientes virtuais de aprendizagem – que são meios – faz-se necessário trabalhar conscientemente com as qualidades inerentes aos ambientes, portanto neles presentes estruturalmente. Tais qualidades estarão ali, latentes, e poderão ser trabalhadas superficialmente ou com maior profundidade. Sendo intencional a sua exploração, emergirão e poderão contribuir com o alcance dos objetivos educacionais, que são fins.

NOTAS

- ¹ YOUNG, Michael F. D. **O currículo do futuro**. Da “nova sociologia da educação” a uma teoria crítica do aprendizado. Campinas(SP): Papirus, 2000.
- ² SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- ³ LAN (Local Area Networks) House: estabelecimento comercial no qual podem ser utilizados computadores com acesso à internet, tanto para acesso a informações quanto para entretenimento.

ABSTRACT

*Lucila Mara Sbrana Sciotti. **Curricula in virtual environments.***

The resources provided by communications and information technologies can expand the capacities for organizing learning spaces. However, learning spaces structured with high technology will always be means, not ends in themselves. Their utilization does not ensure the incorporation of the potential to be explored. A critical aspect is the need for clarifying the forms of knowledge relations meant for the learning environment.

Keywords: *Curriculum; Virtual environments; Learning; Distance education.*

RESUMEN

*Lucila Mara Sbrana Sciotti. **Programas en ambientes virtuales.***

Los recursos existentes en lo que se refiere a la utilización de las tecnologías de la comunicación e información pueden ampliar las capacidades de organización de los espacios de aprendizaje. No obstante, los ambientes de aprendizaje estructurados con alta tecnología serán siempre medios y no fines en sí mismos ya que su utilización no asegura la incorporación de lo que se presenta como posible de ser explorado. Un punto crítico es el que se refiere a la necesaria claridad sobre las formas pretendidas de las relaciones del saber en el ambiente de aprendizaje.

Palabras clave: *Programas; Ambientes virtuales; Aprendizaje; Educación a distancia.*